

Uso indiscriminado de medicamentos e intoxicação exógena: uma abordagem de saúde coletiva para a automedicação

Mayara Iurkiw, Biomedicina, Integrado, Brasil
Lincoln Luis Silva, Biomedicina, Integrado, Brasil
lincoln.luis@grupointegrado.br

Resumo: A automedicação, caracterizada pelo uso de medicamentos por iniciativa própria ou sem supervisão profissional, é uma prática frequente no Brasil e está relacionada a riscos como intoxicações exógenas, efeitos colaterais e agravamento de doenças. O objetivo deste estudo foi analisar o perfil epidemiológico das intoxicações medicamentosas no Paraná, a fim de identificar os grupos mais vulneráveis e compreender os possíveis fatores que influenciam o aumento das intoxicações medicamentosas e as principais variantes associadas à ocorrência desses casos. Este estudo ecológico observacional de séries temporais utilizou dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS). A pesquisa realizou-se a partir de dados de todos os casos de intoxicação medicamentosa no Paraná no período de 2020 a 2024. Levou-se em conta as condições de exposição, como automedicação, uso regular, uso terapêutico e erro de administração, além de variáveis temporais e espaciais, totalizando 8.546 casos notificados, o grupo mais afetado pela automedicação são os jovens adultos de 20 a 39 anos, seguida por adolescentes e indivíduos com menos de 20 anos, indicando maior vulnerabilidade dessas faixas etárias ao uso inadequado de medicamentos. O sexo feminino registra o maior número de notificações em todos os anos avaliados, quanto à escolaridade, indivíduos com ensino médio completo ou incompleto concentraram o maior número de casos, sugerindo lacunas no letramento em saúde. Os resultados indicam a necessidade de políticas de prevenção e estratégias educativas adequadas às particularidades de cada grupo reduzindo os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Intoxicação exógena. Medicamentos.

Abstract: Self-medication, characterized by the use of medications on one's own initiative or without professional supervision, is a frequent practice in Brazil and is associated with risks such as exogenous poisoning, side effects, and worsening of diseases. The objective of this study was to analyze the epidemiological profile of drug poisoning in Paraná, in order to identify the most vulnerable groups and understand the possible factors that influence the increase in drug poisoning and the main variables associated with the occurrence of these cases. This ecological observational time series study used secondary data from the Notifiable Diseases Information System (SINAN/DATASUS). The research was based on data from all cases of drug poisoning in Paraná from 2020 to 2024. Exposure conditions such as self-medication, regular use, therapeutic use, and administration errors were taken into account, in addition to temporal and spatial variables, totaling 8,546 reported cases. The group most affected by self-medication is young adults aged 20 to 39, followed by adolescents and individuals under 20, indicating greater vulnerability of these age groups to inappropriate use of medications. Women recorded the highest number of reports in all years evaluated. In terms of education, individuals with complete or incomplete secondary education accounted for the highest number of cases, suggesting gaps in health literacy. The results indicate the need for prevention policies and educational strategies

tailored to the particularities of each group, reducing the risks associated with the inappropriate use of medications.

Keywords: Self-medication. Exogenous poisoning. Medications.

INTRODUÇÃO

Há mais de 30 anos as intoxicações medicamentosas são um relevante desafio de saúde pública, representando problemas tanto com o uso terapêutico impróprio quanto à automedicação. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que aproximadamente 10% das internações hospitalares em todo o mundo estão correlacionadas a reações adversas ou intoxicações resultantes do uso inadequado de medicamentos, sendo um dos principais fatores de risco para esses incidentes à automedicação. Estima-se que milhões de pessoas sofram intoxicações medicamentosas anualmente, especialmente em países em desenvolvimento, onde o fácil acesso a medicamentos e a falta de um controle rigoroso na dispensação elevam o risco para a população (World health organization , 2009).

No Brasil, a intoxicação por fármacos também representa um problema de saúde coletiva, informações da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) mostram que os medicamentos figuram entre as principais causas de intoxicações registradas, correspondendo a aproximadamente 27% dos casos reportados e ocupando a primeira posição entre os agentes tóxicos desde 1994. Essa circunstância destaca como a automedicação e o uso inadequado de medicamentos ainda são práticas arraigadas na população, demandando políticas públicas e estratégias educativas que incentivem o uso seguro e racional dos fármacos (Fiocruz, 2018).

De acordo com o SINAN entre 2020 e 2024, o Brasil tem registrado um aumento significativo no número de intoxicações exógenas relacionadas a medicamentos, totalizando mais de 520 mil casos, evidenciando o aumento do uso indevido de medicamentos e da automedicação em várias partes do país. Esse crescimento está em linha com o aumento do consumo de medicamentos sem prescrição e uso prolongado de múltiplos fármacos, especialmente entre grupos vulneráveis, como idosos e jovens adultos. De acordo com as pesquisas indica que o aumento das intoxicações está ligado à automedicação, à ausência de orientação profissional e à fácil acessibilidade de medicamentos de venda livre, elementos que aumentam o perigo de interações e reações adversas.

A definição de automedicação refere-se à utilização de medicamentos por iniciativa própria ou por indicações de pessoas não aptas a prescrição e sem a supervisão de um profissional de saúde, com a finalidade de tratar sintomas ou doenças que o próprio indivíduo identifica. Nesse contexto, a literatura nacional aponta que essa prática é bastante comum, sendo entendida como “a utilização de medicamentos sem prescrição por profissionais habilitados” no Brasil. Há

ligação entre elementos como o fácil acesso a medicamentos, cultura popular e a ideia de autocuidado (Paim et al, 2016).

A falta de conhecimento ou a subestimação dos riscos envolvidos na automedicação é apontado como um dos principais obstáculos para garantir a segurança no uso de medicamentos. Frequentemente, a população vê o medicamento como uma solução inofensiva, subestimando as reações adversas ou interações farmacológicas, o que incentiva o uso sem supervisão. Ressalta-se que além de realizar o consumo de medicamentos por conta própria grande parte dos mesmos não leem ou compreendem as bulas, não tendo o conhecimento de contraindicações, interações e sinais de alerta para interromper o tratamento. Essa falta de informação pode resultar em intoxicação, danos orgânicos e agravamento dos sintomas iniciais (Ramos, Soares e Pereira, 2020).

Portanto o objetivo foi analisar o perfil epidemiológico das intoxicações medicamentosas registradas no estado do Paraná entre 2020 e 2024.

MÉTODO

DESENHO DO ESTUDO

O presente trabalho trata-se de um estudo observacional seccional com abordagem ecológica e análise de séries temporais, fundamentado em dados secundários obtidos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizados pela plataforma DATASUS, vinculada ao Ministério da Saúde. O período selecionado foi de 2020 a 2024, tendo como objetivo a análise dos casos de intoxicação exógena por medicamentos no estado do Paraná. Para isso, levou-se em conta variáveis demográficas e epidemiológicas, como idade, gênero, etnia, região de residência e condição da exposição. Esse desenho de estudo possibilita a identificação de tendências temporais e padrões de ocorrência ao longo dos anos sem intervenção direta nos indivíduos, permitindo um estudo descritivo e comparativo do comportamento dos casos notificados.

O estudo busca entender como os casos se distribuem de acordo com variáveis como faixa etária, sexo, etnia e região de ocorrência. Ademais, a pesquisa busca identificar possíveis fatores relacionados ao crescimento gradual das notificações, como a automedicação, o uso terapêutico impróprio e a ausência de orientação profissional. Além disso, o estudo visa a importância de estratégias de prevenção e educação em saúde, em prol do bem estar coletivo, melhorando a qualidade de vida populacional, enfatizando a importância do uso responsável e a compreensão, entre a diferença que “medicamento é seguro” e a realidade das possíveis consequências do uso inadequado, destacando a importância de estratégias educativas voltadas para o letramento em saúde que visem diminuir os danos causados pela intoxicação medicamentosa no âmbito da saúde coletiva.

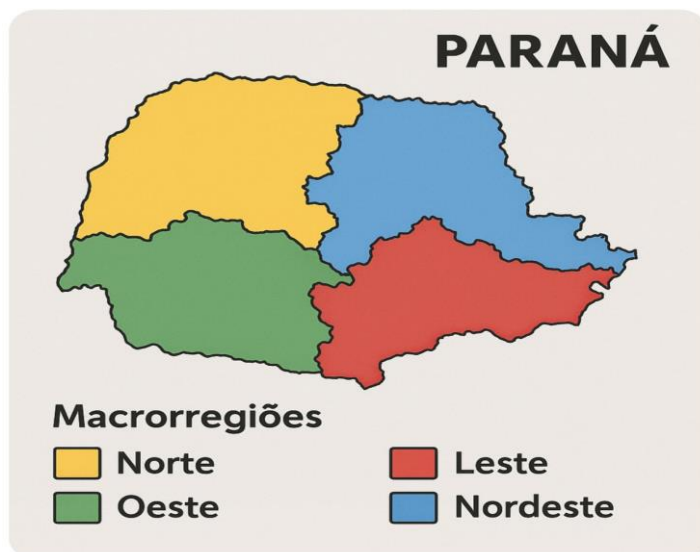


Figura 1 - Mapa das Macrorregiões selecionadas do estado do Paraná.

PARTICIPANTES

Por se tratar de um estudo baseado em dados secundários, não foi necessário recrutar participantes diretamente, pois os registros utilizados derivam de notificações feitas pelos serviços de saúde municipais e estaduais, os dados foram identificados e escolhidos por meio dos registros de intoxicação exógena causada apenas por medicamentos e notificados no estado do Paraná. Todos os registros que apresentaram o medicamento como agente causador foram analisados, foram selecionados apenas os que se encaixavam no critério escolhido uma vez que a automedicação inclui todas as condutas associadas ao uso inadequado de fármacos, os dados foram coletados de 5 grupos sendo o uso habitual, automedicação, uso terapêutico, erro de administração e prescrição médica.

VARIÁVEIS

A variável de interesse foi com base quantidade anual de notificações de intoxicações exógenas por medicamentos entre 2020 e 2024, selecionando apenas os casos do Estado do Paraná os preditores capazes de influenciar ou estar associadas à ocorrência de intoxicação exógena por medicamentos no período analisado são faixa etária, sexo, etnia, escolaridade e macrorregião de residência, os grupos modificam e subdividem o primeiro resultado anual possibilitando o desfecho a uma análise populacional mais aprofundada de variações biológicas, comportamentais e específicas.

FONTES DE DADOS/ MENSURAÇÃO

Como citado anteriormente as variáveis de interesse foram todas obtidas da mesma base de dados, análise temporal dos casos foi realizada a partir da coleta de registros anuais que foram coletados de maneira individual com critérios

específicos e em seguida consolidados, os mesmos foram divididos e analisados em subgrupos, a variável de idade seguiu o mesmo padrão de coleta, sendo reagrupada por faixa etária. Outras variáveis presentes com sexo, etnia e regiões foram coletadas seguindo o mesmo padrão.

VARIÁVEIS QUANTITATIVAS

Os dados foram inicialmente coletados através da divisão anual e somados totalizando 8.546 notificações selecionadas, onde os mesmos foram divididos em critérios de escolha da pesquisa e organizados em tabelas, O Estado do Paraná foi dividido em macrorregiões e o número de notificações por estado foi relacionado aos subgrupos raça e etnia, o filtro de casos por idade entregou resultados separados para cada ano de vida do indivíduo, para a melhor análise as variáveis foram agrupada em faixas etárias previamente estabelecidas: menores de 20 anos, 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. Não foram realizadas transformações adicionais nesta variável, uma vez que os dados secundários já são disponibilizados de forma categórica.

MÉTODOS ESTATÍSTICOS

Os dados foram apresentados descritivamente foram estruturados de acordo com ano, faixa etária, sexo, escolaridade, etnia, macrorregião e situação da intoxicação, o que possibilitou a análise de tendências e a comparação entre diferentes subgrupos populacionais. Esta análise diagnóstica garantiu a escolha correta dos grupos sem perder o enfoque do trabalho no uso inadequado de medicações, evitando assim possíveis confundidores de critérios não relacionados a intoxicação por automedicação. Seguindo a orientação epidemiológica para evitar viés de informação, os dados ausentes foram preservados nas análises gerais e categorizados como “Ignorado/Branco”.

ÉTICA

O trabalho foi dispensado do apreço pelo comitê de ética por se tratar de dados secundários em conformidade com o CNS 510/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros do DATASUS indicam que, entre 2020 e 2024, o estado do Paraná registrou 54.654 casos de intoxicação por medicamentos, evidenciando a gravidade desse problema na região. De acordo com os critérios de elegibilidade, os registros de intoxicação exógena por medicamentos no Paraná de 2021 a 2024 totalizaram 8.546 ocorrências (Tabela 1). Os dados foram organizados em tabelas e distribuídos de acordo com as variáveis escolhidas possibilitando uma discussão mais aprofundada levando em consideração as particularidades de cada grupo investigado.

Tabela 1 – Notificações de intoxicação exógena por período

Ano	Número total de casos
2020	1.338
2021	1.217
2022	1.651
2023	2.189
2024	2.151

Em 2021, foram registrados 1.217 casos, e esse número aumentou para 1.651 em 2022, o que representa um crescimento de cerca de 35,6%. Em 2023, o crescimento persistiu, registrando 2.189 casos, o número mais alto do período analisado, o que demonstra um aumento acumulado de 79,9% em comparação a 2021. Em 2024, apesar de uma leve diminuição para 2.151 casos, a quantidade permaneceu significativamente acima do registrado no início da série, apontando para uma tendência de crescimento contínuo. Os dados destacam a alta incidência do uso impróprio de medicamentos e a situação alarmante desse fenômeno para a vigilância em saúde pública (Vassilievitch et al, 2025).

Os registros apontam o aumento entre 2022 e 2023, quando o total de notificações cresceu 35,6%. Estudos visam que esse aumento pode estar associado ao efeito residual da pandemia de COVID-19, período em que houve um aumento no uso de medicamentos sem prescrição durante e após a pandemia, em decorrência de que os acessos aos serviços de saúde foram restritos, onde a automedicação acabou sendo utilizada como uma prática alternativa (Araújo et al, 2015). O consumo excessivo especialmente de analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, amplamente promovidos nas redes sociais e na mídia como alternativas de "autocuidado", a propagação de informações inverídicas nas redes sociais e a facilidade de acesso a medicamentos comercializados sem receita médica favorecem a consolidação da cultura da automedicação no Brasil (Anvisa, 2023).

Tabela 2 – Notificações de intoxicação exógena por faixa etária

Circunstâncias	<20	20-39	40-59	60>	Total
----------------	-----	-------	-------	-----	-------

Automedicação	1.032	1.420	605	216	3.273
Uso habitual	318	559	351	206	1.434
Uso terapêutico	424	624	647	1.012	2.707
Prescrição médica	20	13	9	19	61
Erro de administração	498	190	178	205	1.071

A automedicação não se limita apenas ao consumo de medicamentos sem orientação médica. A mesma inclui condutas associadas ao uso impróprio de medicamentos, como a extensão não autorizada de tratamentos prescritos, o aumento da dose estipulada, a reutilização de receitas vencidas e a combinação de medicamentos sem orientação especializada. As práticas inadequadas representam riscos consideráveis à saúde, uma vez que podem provocar interações medicamentosas, ocultar sintomas de doenças sérias e resultar em intoxicação medicamentosa. Assim, a automedicação deve ser entendida de maneira abrangente, incluindo qualquer uso inadequado de medicamentos sem a supervisão profissional adequada (Xavier, Castro e Souza, 2021).

A distribuição dos casos por faixa etária comprova que as intoxicações medicamentosas afetam pessoas de todas as idades, porém com diferentes características de exposição (Tabela 2). Perante as variações observadas, indica-se que os fatores de risco e o contexto de uso dos medicamentos estão diretamente ligados ao comportamento social, à condição de saúde e ao acesso à informação de cada faixa etária.

Foram selecionados registros potencialmente elegíveis englobando todas as faixas etárias, podendo ser observado as seguintes informações. Os indivíduos com menos de 20 anos, apresentam o registro de 2.292 casos, é notório a diferença das causas de intoxicação entre os grupos analisados, esse grupo aponta a maior prevalência na automedicação e no erro de administração. De acordo com Silva, Santos e Saraiva (2023), alguns episódios podem estar relacionados a acidentes domésticos causados pelo acesso a medicamentos mal armazenados, uma possibilidade bastante debatida na literatura sobre

intoxicações infantis. Essa predominância entre crianças e adolescentes indica uma maior propensão ao uso não supervisionado de medicamentos, frequentemente decorrente de hábitos familiares de automedicação ou da ausência de informação sobre o uso seguro de fármacos (Silva et al., 2021).

Na faixa etária de 20 a 39 anos, com 2.806 casos, foram registradas 1.420 ocorrências de automedicação, representando a maior porcentagem de notificações entre os grupos, os indivíduos dessa faixa tendem a ser os mais ativos e economicamente produtivos, o ritmo acelerado de vida, a excessiva carga de trabalho e a falta de tempo para consultas médicas contribuem para a busca de soluções rápidas e acessíveis para sintomas comuns, associa-se esse comportamento à cultura do autodiagnóstico recorrendo com frequência a fármacos sem orientação médica (Oliveira et al., 2021). A percepção equivocada de segurança em relação aos medicamentos de venda livre faz com que ocorra subestimação de efeitos tóxicos em potencial (Ramos, Soares e Pereira, 2020).

Em sua maioria os indivíduos que se automedicam não possuem pleno conhecimento dos riscos que estão correndo, o que pode acabar causando de forma desintencional a ocorrência de efeitos adversos, intoxicações e agravamentos de condições clínicas como a camuflagem de doenças mais graves (Brasil, 2023). O uso desses medicamentos acaba sendo visto como uma solução rápida de fácil acesso, a mesma pode levar à subestimação de efeitos colaterais, atraso no diagnóstico ou tratamentos inadequados, aumentando os riscos à saúde (Zaniolo et al., 2022).

Os casos entre os adultos com idades entre 40 e 59 anos, totalizam 1.790 registros, dos mesmos 605 estavam associados à automedicação e 647 ao uso terapêutico. Indicando uma mudança de perfil, na qual o crescimento da idade está ligado a um maior uso de medicamentos prescritos e expondo-se ao perigo de intoxicações devido ao uso terapêutico errôneo. A intoxicação pode ser causada quando substâncias farmacológicas, são consumidas, administradas ou expostas em doses elevadas ou vias que não seguem o prescrito, excedendo a capacidade do organismo de metabolizar e eliminar os fármacos, resultando em efeitos adversos ou tóxicos (Miranda et al, 2021).

A última categoria analisada refere-se a indivíduos com 60 anos ou mais, contabilizando o total de 1.658 casos, dentre eles 1.012 estavam associados ao uso terapêutico e 216 à automedicação, expôs uma predominância de intoxicações associadas ao uso terapêutico impróprio, a capacidade de metabolização hepática e excreção renal diminui com o envelhecimento fisiológico, o que torna o corpo mais suscetível a efeitos adversos. Outro fator é que a grande maioria faz o uso de dois ou mais medicamentos de uso contínuo, o que acaba contribuindo para a confusão entre os fármacos e de dosagens, a redução da acuidade visual e o declínio cognitivo elevam a probabilidade de uso inadequado dos medicamentos (Farias, Lima e Alves, 2013).

No que diz respeito à escolaridade desse grupo, constatou-se que a maioria das intoxicações ocorreu entre pessoas com ensino médio, tanto completo quanto incompleto, evidenciando a predominância desse nível educacional em todos os anos analisados. Em 2020, registraram-se 304 casos nessa categoria; em 2021, foram 302 casos; em 2022, 457 casos; em 2023, 682 casos; e em 2024, 631 casos. Esse crescimento gradual até 2023 indica que o ensino médio é o nível educacional mais comum entre as pessoas que sofreram intoxicação medicamentosa no estado, esse resultado pode ser justificado pelo fato de que esse nível de escolaridade abrange uma parte considerável da população economicamente ativa, grupo que costuma optar pela automedicação com mais regularidade para lidar com sintomas do dia a dia, em razão da rotina intensa e da falta de tempo para procurar atendimento médico (Correia, Trindade e Almeida, 2019).

O grupo de nível primário (analfabetos e pessoas com até a 4ª série do ensino fundamental completo) apresentou 146 casos em 2020, 103 em 2021, 158 em 2022, 174 em 2023 e 178 em 2024. O ensino fundamental (considerando o ensino fundamental completo e a 5ª a 8ª série incompleta) registrou o segundo maior número de ocorrências, com 213 notificações em 2020, 211 em 2021, 316 em 2022, 418 em 2023 e 382 em 2024, indicando também uma tendência de aumento ao longo dos anos, o que pode indicar uma compreensão limitada dos perigos da automedicação e uma dificuldade em interpretar adequadamente bulas e receitas médicas. Pereira, et al (2010), afirmam que as intoxicações exógenas aumentam diretamente entre pessoas com baixa escolaridade, pois a falta de informação leva ao uso inadequado, duplicado ou combinado de medicamentos.

Por outro lado, as pessoas com nível superior (completo e incompleto) exibiram frequências menores, mas também em ascensão: 68 casos em 2020, 70 em 2021, 110 em 2022, 136 em 2023 e 172 em 2024. Esse crescimento pode estar ligado ao consumo excessivo de psicotrópicos e ansiolíticos, frequentemente prescritos, porém usados de maneira inadequada. Embora esse grupo tenha maior acesso à informação, ele não está livre de riscos, uma vez que a automedicação é incentivada tanto pela autoconfiança no próprio conhecimento quanto pela facilidade de obter medicamentos sem receita (Lima, Machado e Bezerra, 2020)

Registros que não apresentavam o grau de escolaridade "Ignorado/Branco" representam números elevados em todos os anos: 517 casos em 2020, 437 em 2021, 480 em 2022, 597 em 2023 e 631 em 2024. Isso indica uma quantidade significativa de registros sem informação sobre escolaridade.

Tabela 3 – Notificações de intoxicação exógena por Macrorregiões e subgrupos

Macrorregional	Masculino	Feminino	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Norte	266	686	638	51	5	204	3
Nordeste	468	930	906	62	14	390	1
Leste	1.825	2.971	3.704	100	39	539	6
Oeste	478	906	1.009	32	6	295	6

Ao examinar a distribuição por macrorregiões de saúde (Tabela 3), a Macrorregional Leste se destacou como a região com o maior número de notificações em todos os anos analisados, que representa cerca de 56,2% da amostra total, seguida pelas regiões Nordeste e Oeste, com aproximadamente 16,4% e 16,2%, respectivamente. A macrorregional Norte correspondeu a cerca de 11,2% dos casos. Em 2020, houve 804 ocorrências nessa área, seguidas por 674 em 2021, 934 em 2022, 1.202 em 2023 e 1.182 em 2024. Tais resultados podem estar diretamente ligados ao fato de ser a maior densidade populacional e à concentração de serviços de saúde na área que inclui cidades como Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, que têm maior capacidade de diagnóstico e estrutura de vigilância epidemiológica. As regiões mais desenvolvidas tendem a registrar um maior número de notificações, não necessariamente por terem mais casos, mas sim pela sua melhor capacidade de identificação e documentação dos problemas, o que reflete a eficácia do sistema de vigilância (Carvalho; Lopes; Almeida, 2023).

Destaca-se que ao longo do ano, as macrorregiões Oeste e Noroeste do Paraná também mostraram um aumento gradual nas notificações de intoxicação medicamentosa. Esse crescimento pode estar ligado à ampliação da rede de cuidados com a saúde, ao reforço das iniciativas de vigilância epidemiológica e ao melhor acesso da população aos serviços de urgência e emergência, elementos que favorecem a identificação e o registro dos problemas de saúde (Guida e Guida, 2023).

Outro fato de relevância para a discussão é que nessas áreas há um perfil demográfico com uma grande quantidade de trabalhadores dos setores agrícola e industrial onde há longas jornadas de trabalho, que dificultam a busca por atendimento médico regular. O que pode levar ao uso frequente e, em alguns casos, impróprio de medicamentos analgésicos e anti-inflamatórios,

frequentemente empregados de maneira empírica e sem supervisão profissional (Santos, Lima e Barbosa, 2023).

Em contrapartida, a Macrorregional Norte registrou um número menor, porém constante, de notificações ao longo do período analisado. Podendo indicar tanto uma redução na ocorrência de casos quanto subnotificação devido a limitações estruturais na rede de saúde local. Áreas com baixa densidade populacional e escassez de serviços especializados geralmente apresentam índices mais baixos, o que não indica necessariamente uma menor prevalência, mas sim deficiências na detecção e no sistema de notificação (Lima et al, 2022).

Em todos os anos analisados, observou-se predomínio do sexo feminino, indicando uma tendência constante de maior vulnerabilidade das mulheres a intoxicações medicamentosas. Em 2020, foram registrados 861 casos no sexo feminino e 474 no masculino; em 2021, 796 contra 420; em 2022, 1.032 contra 617; em 2023, 1.438 contra 744; e em 2024, 1.366 no sexo feminino e 782 no masculino. Assim, observa-se que as mulheres corresponderam, em média, a aproximadamente dois terços do total de notificações durante o período analisado. O ano de 2023 registrou o maior número absoluto de casos, com um total de 2.182 notificações, das quais 1.438 (65,9%) eram do sexo feminino e 744 (34,1%) do sexo masculino. Embora tenha havido uma leve diminuição em 2024, o padrão de predominância feminina permaneceu.

O fato pode ser atribuído a uma variedade de fatores sociais, culturais e biológicos. Ao longo da vida, as mulheres costumam ter maior tendência a usar mais medicamentos, seja devido à maior incidência de doenças crônicas, uso de contraceptivos, tratamentos hormonais ou por buscarem serviços de saúde com mais frequência. Essa maior exposição a medicamentos, combinada com a automedicação e o acúmulo de fármacos em casa, eleva o risco de intoxicações acidentais ou terapêuticas (Takahama, Turini e Giroto, 2014).

Ressalta-se uma tendência entre as mulheres, principalmente as que são mães e cuidadoras, colocar a saúde dos filhos e do parceiro em primeiro lugar, em vez de cuidar da própria saúde. De acordo com Takahama, Turini e Giroto, (2014), a função social da mulher como cuidadora principal da família contribui para a normalização do uso de medicamentos e fortalece a ideia errônea de que remédios de uso comum são inofensivos.

O sexo masculino, apesar de as notificações serem menores, nota-se uma possível subnotificação e um padrão específico de exposição a medicamentos. Os homens costumam buscar os serviços de saúde com menos frequência e demonstram maior resistência em procurar assistência médica. Isso pode levar a uma menor incidência de casos registrados. As intoxicações estão frequentemente associadas ao uso inadequado de medicamentos para dor e

desempenho físico, além do uso empírico de fármacos para automedicação rápida, desconsiderando contraindicações (Reis et al, 2013).

Os resultados obtidos através das divisões de subgrupos apontam que a raça branca foi a mais impactada, registrando 926 casos em 2020, 865 em 2021, 1.236 em 2022, 1.636 em 2023 e 1.594 em 2024. A seguir, destacaram-se as pessoas pardas, com 207, 187, 260, 397 e 377 casos, respectivamente, evidenciando também um crescimento progressivo. O grupo de pessoas pretas apresentaram uma quantidade menor, porém estável, variando de 31 casos em 2020 para 70 em 2024. Por outro lado, os registros de indivíduos amarelos e indígenas foram pouco expressivos ao longo de todo o período.

O seguinte estudo foi realizado a partir de pesquisas de dados em sites e pelo fato de utilizar dados secundários há certas limitações devido à natureza das informações empregadas. Uma das principais restrições diz respeito à qualidade e à integridade dos dados, uma vez que as notificações dependem do adequado preenchimento e envio das informações pelos profissionais de saúde, podendo resultar em subnotificações, inconsistências ou falta de variáveis importantes. A ausência de padronização nos sistemas de informação e a potencial duplicidade de registros podem restringir a exatidão das análises e a generalização dos resultados. Embora haja limitações, o uso de bases de dados secundárias, o SINAN/DATASUS permanece sendo uma ferramenta importante para pesquisas epidemiológicas, principalmente devido à sua cobertura populacional e acesso público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intoxicação exógena causada por medicamentos representa um desafio persistente para a saúde coletiva do Paraná. O estudo observacional permitiu a compreensão da influência de fatores e comportamentos específicos de cada subgrupo e como os mesmos estão interligados na ocorrência das intoxicações. A análise de dados epidemiológicos vai além da interpretação de números, pois fornece suporte para iniciativas ações práticas que podem salvar vidas, destaca-se a importância de integrar ciência, gestão e educação para converter informações em estratégias de prevenção, incentivando o uso seguro e responsável de medicamentos.

Os resultados indicam a necessidade de reforçar as políticas públicas destinadas a promover a conscientização sobre a importância do uso racional de medicamentos e expandir as iniciativas socioeducativas voltadas à saúde e bem-estar coletivo. As diretrizes nacionais Ministério da Saúde do Brasil (2020), abordam a implementação de estratégias que garantam o acesso da população a medicamentos de forma segura, eficaz e de alta qualidade, bem como incentivarem o uso responsável e o monitoramento constante do tratamento farmacológico. Nesse cenário, os profissionais habilitados e qualificados

desempenham um papel fundamental na atenção básica, fornecendo orientações sobre posologia, interações medicamentosas e perigos da automedicação.

Tornando-se essencial investir em programas de letramento em saúde que ajudem as pessoas a entenderem as informações sobre seus medicamentos e a usá-los corretamente. A implementação dessas medidas contribui para diminuir os casos de intoxicação medicamentosa e a promover uma cultura de uso seguro e racional de medicamentos no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, por meio da fé e da devoção, encontrei neles forças, consolo e direção para seguir até o fim.

Aos meus pais João e Janete que são minha base e meu Porto Seguro, estiveram ao meu lado durante toda essa jornada me dando apoio, incentivando a cada desafio e me amparando em cada queda, agradeço por terem acreditado em mim quando nem eu mesma acreditava, nada disso seria possível sem vocês que nunca mediram esforços para que eu conseguisse chegar ao final da minha formação, essa conquista é nossa.

Aos meus irmãos Ivan e João Henrique agradeço pelo companheirismo e por todo o apoio e incentivo para iniciar a faculdade sempre me ajudando no que era preciso, vocês são meu exemplo e minha inspiração.

As minhas amigas que estiveram justas comigo durante todo esse processo e aos amigos que a faculdade me deu, pessoas que tornaram esses 4 anos mais leves e que eu quero levar para a vida.

E ao meu orientador Lincoln pelos ensinamentos, paciência, apoio e compreensão em meio às dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Automedicação e riscos à saúde. Brasília: ANVISA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>

ARAÚJO, A. L. A. et al. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, n. 36, 2015. Disponível em: <https://rsp.fsp.usp.br/article/prevalence-of-self-medication-in-the-adult-population-of-brazil-a-systematic-review>

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de Intoxicações Exógenas. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_medicamentos.pdf.

CARVALHO, J. P.; LOPES, R. S.; ALMEIDA, T. F. Perfil epidemiológico das intoxicações exógenas no estado do Paraná: análise regional e fatores associados. **Revista Saúde em Foco**, v. 15, n. 2, p. 44–58, 2023. Disponível em: <https://revistasaudeemfoco.emnuvens.com.br/revista/article/view/3210>.

CORREIA, B. de C.; TRINDADE, J. K.; ALMEIDA, A. B. Fatores correlacionados à automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 1, p. 57–61, 2019. Disponível em: <https://reicen.emnuvens.com.br/revista/article/download/138/97/191>

FARIAS, I. C. V.; LIMA, A. F. T.; ALVES, N. M. C. Intoxicações por medicamentos em idosos na região Nordeste no período de 2001 a 2010. In: Congresso internacional de envelhecimento humano, 3., 2013, Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/2621>

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX): Casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2018. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br>

GUIDA, V. H.; GUIDA, L. A. Análise epidemiológica da automedicação por analgésicos não opioides em acadêmicos de uma instituição de ensino superior do oeste do Paraná. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 6, e1212641761, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/41761/33973/444811>

LIMA, R. F. MACHADO, A. V.; BEZERRA, M. L. Uso seguro de medicamentos na Atenção Primária à Saúde no Brasil: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 92, n. 30, 2020. Disponível em: <https://mail.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/658>

LIMA, V. L. S. de; et al. Perfil epidemiológico das intoxicações exógenas por medicamentos: estudo regional. *Research, Society and Development (RSD) / Brazilian Journals*, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/36371/30332/400412>

MIRANDA, G. A. O. et al. Deaths and hospitalizations resulting from poisoning by prescription and over-the-counter drugs in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 81, 2021. Disponível em: <https://rsp.fsp.usp.br/article/deaths->

and-hospitalizations-resulting-from-poisoning-by-prescription-and-over-the-counter-drugs-in-brazil/

OLIVEIRA, C. R. et al. Uso terapêutico e intoxicação medicamentosa em adultos: análise de notificações no SINAN. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4, p. 521–530, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/7rRjP4Yw9vLXj3jDdfWJq6t/>

PEREIRA, J. R. et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. Joinville: **Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE**, 2010. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januari_a_amos_trabalho_completo.pdf

PAIM, R. S. et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais.

Revista Contexto & Saúde, Ijuí, v. 30, p. 47-54, 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/5456>
[revistas.unijui.edu.br+1](https://www.revistas.unijui.edu.br)

RAMOS, J.; SOARES, L.; PEREIRA, J. R. Riscos da automedicação: conhecimento e lacunas informativas. **Revista Brasileira de Educação em Saúde**, v. X, n. Y, p. AA-BB, 2020. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januari_a_amos_trabalho_completo.pdf. Biblioteca Virtual em Saúde MS

REIS, L. M. et al. Saúde do homem: internações hospitalares por intoxicação registradas em um centro de assistência toxicológica. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, v. 17, n. 3, p. 505–511, 2013. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ean/a/HyqTTxydkRkcQn6bGN6Qzy/?utm_source=chatgpt.com

SANTOS, M. E.; LIMA, V. F. BARBOSA, R. T. Automedicação e uso indiscriminado de analgésicos e anti-inflamatórios entre trabalhadores rurais brasileiros. **Revista de Saúde Pública e Meio Ambiente**, v. 18, n. 2, p. 233–245, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rspma>.

SILVA, P. R. et al. Intoxicações exógenas em crianças e adolescentes: fatores de risco e prevenção. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, e 12456, 2021.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/12456>

SILVA, R. J.; SANTOS, L. C.; SARAIVA, L. C. F. Intoxicação acidental por medicamentos em crianças: fatores associados ao ambiente doméstico e ao armazenamento inadequado. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)**, São Paulo, v. 9, n. 11, p. 3722-3736, nov. 2023. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/12671/5971/24038>

TAKAHAMA, C. H.; TURINI, C. A.; GIROTTO, E. Perfil das exposições a medicamentos por mulheres em idade reprodutiva atendidas por um Centro de Informações Toxicológicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1191–1200, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/qFW86T7VFYX5wwyHsnmZcYy/>

VASSILIEVITCH, A. C. et al. Intoxicações exógenas por medicamentos no Brasil: uma análise espaço-temporal entre 2008 e 2022. **Saúde em Redes**, v. 11, n. 2, p. 4689, 2025. DOI:10.18310/2446-4813.2025v11n2.4689. Disponível em: <https://revista.redeunida.org.br/index.php/rede-unida/article/view/4689>

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The Safety of Medicines: A Guide to Detecting and Reporting Adverse Drug Reactions. Geneva: WHO, 2009. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/43034>

XAVIER, M. S.; CASTRO, H. N.; SOUZA, L. G. D.; OLIVEIRA, Y. S. L. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 225–240, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/22665/18160/58331>

ZANIOLO, M. E. O. et al. Between knowledge and risk: the reality of self-medication among health science undergraduate students. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 10, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/49690>